

JÚLIO DANTAS

PÁGINAS
DE
MEMÓRIAS



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

OBRAS DO AUTOR

POESIA

NADA (1896) — 3.^a edição

AUTO DA RAINHA CLÁUDIA (1897) — 2.^a edição, esgotada

SONETOS (1916) — 6.^a edição, esgotada

PROSA

OUTROS TEMPOS (1909) — 3.^a edição, esgotada

FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE (1914) — 3.^a edição

PÁTRIA PORTUGUESA (1914) — 9.^a edição

AO OUVIDO DE M.^{me} X (1915) — 5.^a edição, esgotada

O AMOR EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII (1915) — 3.^a edição

MULHERES (1916) — 6.^a edição

ELES E ELAS (1918) — 4.^a edição

ESPADAS E ROSAS (1919) — 6.^a edição, esgotada

COMO ELAS AMAM (1920) — 4.^a edição

ABELHAS DOIRADAS (1920) — 3.^a edição, esgotada

OS GALOS DE APOLO (1921) — 2.^a edição

ARTE DE AMAR (1922) — 3.^a edição

O HEROÍSMO, A ELEGÂNCIA E O AMOR (1923)

EVA (1925) — esgotada

CARTAS DE LONDRES (1927) — 2.^a edição, esgotada

DIALOGOS (1928) — 2.^a edição, esgotada

ETERNO FEMININO (1929) — esgotada

CONTOS (1930) — 2.^a edição

JÚLIO DANTAS

OS FALSIFICADORES
DE BIOGRAFIAS

PÁGINAS DE MEMÓRIAS



PORTUGALIA EDITORA | LISBOA

OS FALSIFICADORES DE BIOGRAFIAS

FOI Bernard Shaw que moveu um processo a um jornalista americano por lhe falsificar a biografia. E ganhou. Também Maupassant levou aos tribunais um jornal que publicou, como se fosse do glorioso autor de *Une Vie*, o retrato de outra pessoa. E não perdeu a causa. Sempre que um escritor recorre à justiça, queixando-se de que lhe falsificam, já não digo a obra (isso é frequente!), mas a cara e a vida, a justiça dá-lhe razão. Porquê? Porque ninguém ignora que os escritores, os artistas, os homens públicos, verdadeiros sinistrados da notoriedade, são permanentemente vítimas de malfeitores de vária natureza, conscientes ou inconscientes, que, com prodigiosa facilidade, mentem, fantasiam, deturpam, falsificam entrevistas, forjam trechos apócrifos, inventam biografias fraudulentas, tratam o nome, a dignidade, a personalidade dos homens em evidência como se fosse roupa-de-franceses. As vítimas são tantas que, quando

O SOLAR DOS EÇAS

EU não me recordava já de que os Eças, de quem descendo pelo lado materno, tinham uma das suas moradas solarengas no Alto Minho, em Valadares, para diante de Monção. Ouvira falar vagamente nessa casa, cujo portão ostenta, sobre o grosseiro lintel de granito, a mais antiga pedra-de-armas da família; chegara a pensar em visitá-la, quando me disseram que o solar pertencia ainda aos descendentes do meu tio-avô, José Joaquim Pereira d'Eça; mas nem eu sabia ao certo onde ficava o lugar de Valadares (há três ou quatro, do mesmo nome, em Portugal), nem me lembrava já de semelhante coisa quando, há anos, fui passar alguns dias a Melgaço.

O meu espírito foi sempre avesso a toda a espécie de pretensões nobiliárquicas; apesar de respeitar muito os meus antepassados, sem excepção daquela galante abadessa de Lorvão, dona Filipa d'Eça, que ralou os fígados a D. João III, fez o que quis de Roma,

MENINOS DA LUZ

O meu ilustre amigo sr. General Ferreira Martins, na qualidade de presidente da Comissão de Propaganda da Liga dos Antigos Alunos do Colégio Militar, teve a gentileza de manifestar-me, por carta, o amável desejo — que muito penhorou o meu reconhecimento — de que eu me ocupasse, um dia, do velho estabelecimento militar de educação em que abri os olhos para a cultura. Com vivo prazer o faço.

Trata-se — toda a gente o sabe — de uma instituição benemérita, cujas tradições honram a história da pedagogia portuguesa, e onde, durante perto de século e meio, sucessivas gerações de filhos de oficiais do exército têm encontrado ensino gratuito, amparo quase paternal e ambiente propício à formação do espírito militar, de que carecem, desde crianças, os futuros soldados. Não posso referir-me — e tenho pena — aos melhoramentos que, desde a minha saída até hoje, o Estado decerto introduziu, não só nas instalações

ENCONTRO COM OLIVEIRA MARTINS

COMEMOROU-SE, em sessão solene da Academia das Ciências, o centenário de Oliveira Martins. O grande historiador, economista, filólogo, sociólogo, jornalista de alta estirpe e homem de Estado, nasceu na cidade de Lisboa, a 30 de Abril de 1845; viveu e conviveu muito no Porto, motivo por que o podemos considerar também uma glória portuense; não precisou — autodidacta insigne — da formação universitária para ser considerado um dos mestres do pensamento português do século XIX; exauriu energias incomparáveis na produção poligráfica mais rica e mais variada que o seu tempo conheceu, e, precisamente quando atingia a culminância do prestígio intelectual e político, aos 49 anos, extinguiu-se num clarão. Esse último clarão reflectem-no, para a imortalidade, três obras-primas, ofuscante tríptico de história perante o qual há-de por muito tempo curvar-se a admiração das gerações: *Nun'Álvares*; *Filhos de D. João I*; e (painel incompleto) *D. João II*.

OS VELHOS MESTRES DA POLITÉCNICA

O centenário da fundação da Escola Politécnica, hoje Faculdade de Ciências de Lisboa, criada pelo liberalismo português e por ele instalada no edifício do Colégio dos Nobres, trouxe-me à memória o tempo infelizmente distante em que por lá passei, na frequência das disciplinas que constituíam, e constituem ainda, os preparatórios do curso médico.

Esses preparatórios constavam da matéria de cinco cadeiras, três das quais — Física, Química Mineral e Química Orgânica e Análise Química — eram indispensáveis para a matrícula no primeiro ano de Medicina, podendo as duas restantes — Zoologia e Botânica — ser acumuladas, respectivamente, com os primeiro e segundo anos do curso médico, vantagem de que me aproveitei, como quase todos os meus colegas, o que me permitiu completar o curso em seis anos, muito novo ainda. Não o digo com propósitos autobiográficos, que seriam descabidos. As autobiografias

ÍNDICE

Os falsificadores de biografias	9
O Solar dos Eças	17
Meninos da Luz	25
Encontro com Oliveira Martins	33
Os velhos mestres da Politénica	41
O «Pai Morais»	47
Rapazes do meu tempo	53
Emídio Navarro	59
Jornalistas	65
Um doente inesperado	71
«A Severa»	75
Teatro	83
Don Juan Tenorio	89
Os Serões da Academia	97
Um mestre	103
A minha colaboração no «Correio da Manhã»	109
Reflexões diante de um retrato	113
Olavo Bilac	119
Um almoço com Marinetti	125
Benlliure	131
Vidas paralelas	139
O general Eduardo Marques	145



Os importunos	151
Serenidade	151
Os escribas medievais	163
Três mulheres célebres	169
O Cardeal Locatelli	177
O banquete do «Claridge»	187
Primo de Rivera	193
A conferência de Madrid	203
A conferência de Paris	209
À margem de uma conferência	217
A madona do «Sud-Express»	225
Conde Téléki	237
Unidade da Língua Portuguesa	243
Internacional de Minerva	247
Bruxelas	257
Briand	263
Velha música	271
Um jantar no «Ritz»	277
Bernard Shaw	283
As grandes silenciosas	289
Os xailes de Manilla	295
Galiza	301
Voronoff	315
A velhice de d'Artagnan	321
Conselhos aos novos	331



Este livro foi composto
e impresso para a
PORTUGALIA EDITORA
na Soc. Ind. Gráfica Telles da Silva, Ld.^a
Rua de Campolide, 133-B-C
LISBOA-1

Março de 1968